

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

JOICE LESSA FERREIRA

**ANÁLISE DO CAPITAL DE GIRO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA CONFECÇÃO
DO SUL DE SANTA CATARINA**

CRICIÚMA

2017

JOICE LESSA FERREIRA

**ANÁLISE DO CAPITAL DE GIRO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA CONFECÇÃO
DO SUL DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no Curso de Ciências Contábeis da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Esp. Patriele de Faveri Fontana

CRICIÚMA

2017

JOICE LESSA FERREIRA

**ANÁLISE DO CAPITAL DE GIRO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA CONFECÇÃO
DO SUL DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no curso de Ciências Contábeis da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Contabilidade Gerencial.

Criciúma, 06 de Dezembro de 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Patriele de Faveri Fontana – Especialista – (UNESC) – Orientadora

Prof. Ademir Borges – Especialista – (UNESC)

Prof. Luiz Henrique Tibúrcio Daufembach – Especialista – (UNESC)

**Dedico este trabalho ao meu sobrinho
Bhenício, por ser um presente de Deus em
minha vida.**

AGRADECIMENTOS

Chega o momento em que tenho o prazer e alegria de agradecer a todos que me apoiaram e se fizeram presentes nesse momento único da minha formação.

Primeiramente a Deus que me concedeu o dom da vida, que me dá forças para seguir e enfrentar meus desafios e me fez ser tudo que sou hoje, portanto serei eternamente agradecida a tudo que ele sempre me proporcionou.

Aos meus pais, que são para mim exemplo de seres humanos, de humildade e honestidade, me ensinaram muito sobre a vida e me ajudaram chegar até aqui. Aos meus irmãos que sempre me apoiaram em minhas decisões, e se fizeram presentes em todos os momentos especiais da minha vida. Ao meu noivo, que sempre me apoio e me deu forças para eu nunca desistir.

Aos meus amigos de faculdade Alexsandro, Betina, Karoline, Matheus e Paula, por todo companheirismo, carinho, amor e alegria vividos nesses quatro anos e meio.

A minha professora orientadora Patriele de Faveri Fontana, que é para mim referência de carinho, simpatia, sabedoria e modelo de profissional. Desde o início não mediu esforços para me auxiliar e com toda sua generosidade dividiu comigo seu conhecimento para elaboração de minha pesquisa.

A empresa estudada, que desde o início se propôs a contribuir para a pesquisa, disponibilizando assim todas as informações necessárias para a elaboração do estudo de caso.

Enfim, a todos aqueles que de uma forma direta ou indireta me ajudaram para a realização desse projeto.

**“O sucesso é a soma de pequenos esforços
repetidos dia após dia”.**

Robert Collier

RESUMO

O presente trabalho consiste na apresentação de uma análise do capital de giro com base nos demonstrativos contábeis de uma confecção localizada na região sul catarinense. O estudo tem como objetivo central demonstrar a situação do capital de giro da empresa “JBC Confecções” (nome fictício), por meio da análise financeira dinâmica de balanços, segundo o modelo Fleuriet. Para atingir este objetivo, realizou-se uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa por meio de um estudo de caso na empresa JBC Confecções. Partiu-se inicialmente de um estudo teórico no qual abordou a administração financeira de curto prazo, demonstrações contábeis que analisam o capital de giro e os principais indicadores para análise do capital de giro. Posteriormente, realizou-se um estudo de caso para coleta dos demonstrativos contábeis dos anos de 2014, 2015 e 2016 da empresa, no qual foram mensurados e comparados os três anos verificando assim, o capital circulante líquido, a necessidade de capital de giro, o saldo de tesouraria, os prazos médios e os ciclos da atividade da empresa estudada. Os cálculos realizados permitiram concluir que a JBC Confecções dispõe de uma situação financeira sólida, pois a mesma apresentou resultados satisfatórios. O estudo é finalizado demonstrando que uma correta gestão do capital de giro é fundamental para que a empresa não passe por dificuldades financeiras, evitando assim o encerramento das atividades.

Palavras-chave: Capital de Giro. Modelo Fleuriet. Demonstrativos Contábeis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Balanço Patrimonial: Capital Circulante Líquido Positivo	29
Figura 2 - Balanço Patrimonial: Capital Circulante Líquido Negativo	29
Figura 3 - Efeito Tesoura.....	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Balanço Patrimonial	19
Quadro 2 - Demonstração do Resultado	23
Quadro 3 - Modelo de Fluxo de Caixa Método Direto	24
Quadro 4 - Modelo de Fluxo de Caixa Método Indireto	25
Quadro 5 - Reclassificação do Balanço Patrimonial pelo Modelo Fleuriet	27
Quadro 6 - Capital Circulante Líquido	28
Quadro 7 - Capital Circulante Líquido	28
Quadro 8 - Interpretação do Capital Circulante Líquido	30
Quadro 9 - Necessidade de Capital de Giro	31
Quadro 10 - Saldo de Tesouraria	32
Quadro 11 - Situações Financeiras de uma Empresa	33
Quadro 12 - Prazo Médio de Renovação dos Estoques	35
Quadro 13 - Prazo Médio de Recebimento das Vendas	35
Quadro 14 - Prazo Médio de Pagamento dos Fornecedores	36
Quadro 15 - Ciclo Econômico (CE)	37
Quadro 16 - Ciclo Operacional (CO)	38
Quadro 17 - Ciclo Financeiro (CF)	39
Quadro 18 - Análise Vertical do Ativo	43
Quadro 19 - Análise Vertical do Passivo	44
Quadro 20 - Análise Vertical do Demonstrativo de Resultado	45
Quadro 21 - Demonstração dos Fluxos de Caixa Método Indireto	46
Quadro 22 - Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos	47
Quadro 23 - Reclassificação das Contas do Ativo	48
Quadro 24 - Reclassificação das Contas do Passivo	48
Quadro 25 - Capital Circulante Líquido	49
Quadro 26 - Necessidade de Capital de Giro	49
Quadro 27 - Saldo de Tesouraria	50
Quadro 28 - Prazos Médios da Atividade	50
Quadro 29 - Ciclos da Atividade	51

LISTA DE ABREVIATURAS

AC	Ativo Circulante
ACF	Ativo Circulante Financeiro
ACO	Ativo Circulante Operacional
ANC	Ativo Não Circulante
BP	Balanço Patrimonial
CCL	Capital Circulante Líquido
CE	Ciclo Econômico
CF	Ciclo Financeiro
CO	Ciclo Operacional
DFC	Demonstração dos Fluxos de Caixa
DR	Demonstração do Resultado
EPP	Empresa de Pequeno Porte
NGC	Necessidade de Capital de Giro
PC	Passivo Circulante
PCF	Passivo Circulante Financeiro
PCO	Passivo Circulante Operacional
PELP	Passivo Exigível a Longo Prazo
PL	Patrimônio Líquido
PMPF	Prazo Médio de Pagamento dos Fornecedores
PMRE	Prazo Médio de Renovação dos Estoques
PMRV	Prazo Médio de Recebimento das Vendas
ST	Saldo de Tesouraria

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 TEMA, PROBLEMA	12
1.2 OBJETIVOS	13
1.3 JUSTIFICATIVA	13
1.4 ESTRUTURA DO ESTUDO	14
2 FUNDAMANTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA DE CURTO PRAZO	15
2.1.1 Administração do Capital de Giro	16
2.2 CAPITAL DE GIRO	17
2.2.1 Análise do Capital de Giro a partir das Demonstrações Contábeis	18
2.2.1.1 Balanço Patrimonial.....	18
2.2.1.1.1 <i>Ativo Circulante</i>	19
2.2.1.1.2 <i>Ativo Não Circulante</i>	20
2.2.1.1.3 <i>Passivo Circulante</i>	21
2.2.1.1.4 <i>Passivo Não Circulante</i>	21
2.2.1.1.5 <i>Patrimônio Líquido</i>	21
2.2.1.2 Demonstração do Resultado	22
2.2.1.3 Demonstração dos Fluxos de Caixa.....	23
2.2.2 Análise do Capital de Giro segundo o Modelo Fleuriet	26
2.2.2.1 Indicadores do Modelo Dinâmico Fleuriet	27
2.2.2.1.1 <i>Capital Circulante Líquido</i>	28
2.2.2.1.2 <i>Necessidade de Capital de Giro</i>	30
2.2.2.1.3 <i>Saldo de Tesouraria e o Efeito Tesoura</i>	32
2.2.3 Prazos Médios	34
2.2.3.1 Prazo Médio de Renovação dos Estoques.....	34
2.2.3.2 Prazo Médio de Recebimento das Vendas	35
2.2.3.3 Prazo Médio de Pagamento dos Fornecedores	36
2.2.4 Ciclos	36
2.2.4.1 Ciclo Econômico.....	37
2.2.4.2 Ciclo Operacional	37
2.2.4.3 Ciclo Financeiro.....	38
3 METODOLOGIA	40

3.1 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO.....	40
3.2 PROCEDIMENTOS PARA COLETA E ANÁLISE DADOS.....	40
4 ETAPA DO ESTUDO	41
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA.....	41
4.2 ANÁLISE DO CAPITAL DE GIRO A PARTIR DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS.....	42
4.2.1 Balanço Patrimonial.....	42
4.2.2 Demonstração do Resultado.....	44
4.2.3 Demonstração do Fluxo de Caixa Método Indireto	45
4.3 INDICADORES DA ANÁLISE DINÂMICA DE BALANÇOS.....	47
4.3.1 Capital Circulante Líquido	49
4.3.2 Necessidade de Capital de Giro	49
4.3.3 Saldo de Tesouraria	50
4.4 PRAZOS.....	50
4.5 CICLOS.....	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS.....	55

1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo serão apresentados o tema, problema e a questão de pesquisa, na sequência o objetivo geral e os objetivos específicos, e finalmente a justificativa apontando a relevância do estudo abordado e a estrutura do estudo.

1.1 TEMA, PROBLEMA

A administração financeira é extremamente importante na condução de qualquer negócio, Junior, Rigo e Cherobim (2010, p. 4), ressaltam que “a administração financeira é arte e a ciência de administrar recursos financeiros para maximizar a riqueza dos acionistas”.

A boa gestão do capital de giro é um fator relevante para o sucesso das empresas, tendo em vista que o mau gerenciamento desse fator poderá contribuir para a mortalidade das mesmas. Portanto é de suma importância que o administrador financeiro tenha total controle sobre o capital de giro, pois é por falta de planejamento e falhas no controle de caixa (entradas e saídas) que muitas empresas acabam passando por dificuldades financeiras, propiciando assim o encerramento precoce de suas atividades.

De acordo com Padoveze e Benedicto (2011, p. 264), “as empresas buscam desempenhar um modelo de crescimento constante, ganhando ou ampliando mercados”, neste ambiente os gestores precisam tomar decisões de curto prazo no andamento das atividades da empresa, por esse motivo é importante o conhecimento do ciclo operacional e financeiro, pois é por meio destes que terão uma ampla visão da sua administração e da necessidade de capital de giro para suas operações.

Vieira (2005, p. 40) salienta que “a administração do capital de giro tem como objetivo principal a manutenção do equilíbrio financeiro da empresa como forma de garantir a continuidade da atividade operacional e propiciar condições adequadas que favoreçam a sua sobrevivência e o crescimento”, auxilia o gestor na tomada de decisão e evidencia qual a real necessidade de capital de giro, sendo esta “a chave para a administração financeira de uma empresa” (MATARAZZO 2010, p. 283). Neste contexto, tem-se a seguinte questão problema: Verificar por

meio do modelo dinâmico proposto por Fleuriet a real situação do capital de giro da empresa JBC Confeções.

1.2 OBJETIVOS

O presente estudo tem como objetivo demonstrar a situação do capital de giro da empresa JBC Confeções, por meio da análise financeira dinâmica de balanços, segundo o modelo Fleuriet.

Afim de atingir o objetivo geral, foram apontados alguns objetivos específicos:

- ✓ Pesquisar em literaturas aspectos relevantes para pesquisa relacionados ao tema proposto;
- ✓ Compreender a gestão do Capital de Giro;
- ✓ Calcular os indicadores do modelo dinâmico apontados por Fleuriet.

1.3 JUSTIFICATIVA

Com o passar dos tempos ficou claro que para uma empresa ser bem sucedida no mercado, é fundamental ter um bom capital de giro, para assim poder manter suas operações de maneira saudável e duradoura. Considerando o mercado competitivo no qual as empresas estão inseridas, administrar com eficiência os recursos financeiros está se tornando cada vez mais, um fator relevante para o sucesso dos negócios. Segundo Wegner e Cerentini (2007, p. 74), “uma empresa pode até operar sem lucro por um longo período de tempo, mas não sobreviverá se não tiver capital de giro necessário para manter suas operações de curto prazo”.

Assim, a gestão do capital de giro tornou-se um tema de muito interesse por parte dos administradores, em razão de estar diretamente relacionada ao equilíbrio financeiro da empresa e possuir relevante papel no desempenho das atividades operacionais. Desta forma, é de suma importância que os administradores tenham o domínio de ferramentas que possam facilitar e auxiliar na gestão mais eficiente do capital de giro.

Diante disso, este estudo contribui de forma prática, pois pretende apresentar como o gerenciamento do capital de giro é importante para manter a saúde financeira de uma empresa.

Em termos de oportunidade, o estudo justifica-se pelo fato de servir como uma ferramenta, no qual irá auxiliar os dirigentes da empresa em estudo, verificando os pontos positivos de sua administração, bem como servir, de base para identificar os pontos negativos que podem estar afetando a sua manutenção financeira.

Para a autora deste estudo, o mesmo serviu como uma grande oportunidade de aprendizado, pois contribuiu para ampliação de seu conhecimento teórico e prático acerca das práticas financeiras de uma empresa.

1.4 ESTRUTURA DO ESTUDO

Concluída a seção introdutória, este estudo está estruturado de acordo com as seguintes etapas: fundamentação teórica; procedimentos metodológicos; análises e discussão dos resultados empíricos; e considerações finais. A fundamentação teórica reúne a revisão da literatura com estudos teóricos e empíricos acerca da contabilidade gerencial. Com ênfase na importância do gerenciamento do capital de giro para manutenção da saúde financeira das empresas. Na sequência apresentam-se os procedimentos metodológicos com o método, abordagem, objetivos, estratégia e técnicas de pesquisa. Em seguida, são discutidos os resultados e por fim são apresentadas as considerações finais e sugestões para pesquisas futuras.

2 FUNDAMANTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, busca-se fundamentar teoricamente o estudo, no qual será abordada a administração financeira de curto prazo, as demonstrações contábeis que analisam o capital de giro e os principais indicadores para análise do capital de giro.

2.1 ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA DE CURTO PRAZO

A administração financeira é o campo de estudo responsável por cuidar dos recursos financeiros da empresa, com o objetivo de assegurar um melhor e mais eficiente processo empresarial, captando e alocando esses recursos de maneira eficiente (ASSAF NETO, 2012). Na visão de Gitman (2010, p. 03), “finanças pode ser definido como a arte e a ciência de administrar o dinheiro. Praticamente todas as pessoas físicas e jurídicas ganham ou levantam, gastam ou investem dinheiro”.

Logo, um dos temas que vem recebendo crescente interesse por parte dos administradores é a administração financeira de curto prazo, Gitman (2010, p. 546) define que “entre os principais componentes da estrutura financeira de uma empresa estão o nível dos investimentos em ativo circulante e o de financiamento com passivo circulante”. Deste modo, a administração financeira de curto prazo é considerada uma das atividades mais importantes e que consome maior tempo do administrador financeiro.

No decorrer das atividades os administradores financeiros precisam tomar decisões para a manutenção financeira da empresa, sendo que essas decisões se tornam pertinentes para o funcionamento das operações.

Segundo Júnior, Rigo e Cherobim (2010, p. 4):

As decisões financeiras ocorrem ao longo do tempo. Quando se referem às atividades normais da empresa, relacionadas aos recebimentos e pagamentos do dia a dia, são ditas decisões financeiras de curto prazo, conhecidas também como administração do capital de giro [...].

A função financeira tem um objetivo principal, que é proteger e utilizar os recursos financeiros de forma eficaz durante o andamento das atividades, segundo Júnior, Rigo e Cherobim (2010, p. 6):

As funções financeiras de curto prazo envolvem as operações do dia a dia, como administração de caixa, do crédito e contas a receber e a pagar, dos estoques e dos financiamentos de curto prazo. A empresa precisa dispor de recursos suficientes para saldar seus compromissos com fornecedores, salários, tributos e demais contas. Para tanto, os recebimentos das vendas e/ou prestação de serviços aos clientes precisam ocorrer antes ou simultaneamente ao vencimento dos compromissos.

Segundo Júnior, Rigo e Cherobim (2010), quando há falta de sincronia entre os prazos de recebimentos e de pagamentos, é necessário buscar recursos no mercado financeiro, por meio de empréstimos, sendo este acontecimento indesejável para qualquer empreendedor devido à alta taxa de juros pagos por esses empréstimos.

Diante do exposto, observa-se que a administração financeira possui um papel relevante nas empresas, pois auxilia na escolha correta para a tomada de decisões, visando maximizar a criação de valor para o acionista e ainda o controle (entradas e saídas) dos recursos financeiros, que proporcionam a estabilidade da empresa e seu constante crescimento.

Neste contexto o papel do administrador financeiro ganha cada vez mais dimensão a medida que a empresa cresce e torna-se mais complexa, pois é a pessoa que possui conhecimentos e técnicas para conduzir com eficácia os recursos financeiros. Assim o bom administrador financeiro é aquele que traz mais rentabilidade para a empresa.

2.1.1 Administração do Capital de Giro

A administração do capital de giro vem se tornando cada vez mais importante no que diz respeito as tarefas do administrador financeiro, pois disso decorre o equilíbrio financeiro da empresa.

Segundo Assaf Neto e Silva (2002, p. 24):

O entendimento de capital de giro insere-se no contexto das decisões financeiras de curto prazo, envolvendo a administração de ativos e passivos circulantes. Toda empresa precisa buscar um nível satisfatório de capital de giro de maneira a garantir a sustentação de sua atividade operacional.

Desta maneira, estudar o capital de giro se tornou essencial para a administração financeira, pois a empresa precisa recuperar todos os custos e despesas (inclusive as financeiras) incorridas durante a execução das atividades

operacionais e ainda obter o lucro almejado, por meio da venda do produto ou prestação de serviço (HOJI, 2014).

Padoveze (2011, p. 195) afirma que, “podemos definir a gestão do capital de giro como a gestão do ciclo de comprar, produzir e vender ou revender produtos e serviços”.

Assim a administração do capital de giro, segundo Assaf Neto (2012, p.580):

[...] envolve basicamente as decisões de compra e venda tomadas pela empresa, assim como suas mais diversas atividades operacionais e financeiras. Nessa abrangência, coloca-se de forma nítida que a administração do capital de giro deve garantir a uma empresa a adequada consecução de sua política de estocagem, compra de materiais, produção, venda de produtos e mercadorias e prazo de recebimento.

Atualmente a administração do capital de giro tem se tornado bastante relevante nas empresas, em razão, das elevadas taxas de juros encontradas no mercado financeiro, do alto índice de concorrência e das políticas de expansão adotadas pelas empresas (ASSAF NETO, 2012).

2.2 CAPITAL DE GIRO

Para que possa funcionar, uma empresa necessita investir em ativos de curto prazo. Esses investimentos são denominados capital de giro, estes correspondem o valor do ativo circulante, que são representados pelo caixa e equivalentes de caixa, valores a receber e estoques (PADOVEZE, 2004).

Segundo Padoveze (2004, p. 112):

A palavra giro vem da ideia de movimentação contínua dos principais elementos formadores das transações da empresa (dos negócios da empresa) onde ela basicamente forma seus lucros. Em outras palavras, da movimentação dos capitais aplicados no giro é que há a formação tradicional do lucro. Capital de Giro é a terminologia utilizada para designar os valores investidos no Ativo Circulante.

O capital de giro é o recurso que financia a atividade principal de uma empresa, como o próprio nome já diz, é o capital que fica girando dentro da empresa financiando o ciclo operacional, identificado desde a aquisição de matéria-prima até a venda e seu recebimento (HOJI, 2014). De forma clara, o capital de giro

representa o montante de recursos financeiros, seja estes próprios ou de terceiros, necessários para sustentar as atividades operacionais, no dia-a-dia das empresas (MATIAS, 2007).

Segundo Assaf Neto e Silva (2002, p. 13), “o capital de giro tem participação relevante no desempenho operacional das empresas, cobrindo geralmente mais da metade de seus ativos totais investidos”.

Segundo Morante e Jorge (2007, p. 41), “não importa os vários conceitos de capital de giro, pois todos estão voltados para a mesma ideia: i) é soma dos recursos que giram (ou circulam); ii) são ativos que devem transformar-se em dinheiro; iii) são recursos que financiam o ciclo operacional e financeiro”.

Desta maneira, o capital de giro pode ser definido como o recurso financeiro que gira várias vezes em determinado período de tempo e que são necessários para manter a atividade principal de uma empresa.

2.2.1 Análise do Capital de Giro a partir das Demonstrações Contábeis

Por meio da análise das demonstrações contábeis o administrador identifica a saúde, a capacidade de sobrevivência, o crescimento ou a insolvência de uma empresa (ABREU FILHO ET AL, 2008). A seguir, serão apresentados os principais demonstrativos contábeis, que podem fornecer diversas informações sobre a saúde financeira de uma empresa.

2.2.1.1 Balanço Patrimonial

O balanço Patrimonial é a demonstração contábil que apresenta todos os bens e direitos da empresa (ativos) e todas as obrigações (passivos) da mesma em uma determinada data, nesta demonstração consta também o patrimônio líquido, estabelecido pela diferença entre o ativo e o passivo, no qual representa o capital investido pelos proprietários da empresa e o capital gerado por esta nas suas operações (MATARAZZO, 2010).

Conforme Martins, Miranda e Diniz (2014, p. 25) o “balanço patrimonial apresenta a situação patrimonial e financeira de uma entidade de forma estática, em determinado momento”, deste modo, ele se torna essencial para os gestores para tomada de decisões.

Araújo e Assaf Neto (2004, p. 31) afirmam que:

O balanço patrimonial é uma demonstração fundamental para a entidade e indispensável para todos os usuários da contabilidade. Através do balanço, o usuário pode conhecer a liquidez das empresas, seus principais investimentos, endividamento, a segurança medida pela participação do capital próprio no negócio e outros indicadores.

Conforme o quadro 1 abaixo, tem-se a estrutura de um balanço patrimonial.

Quadro 1 - Balanço Patrimonial

BALANÇO PATRIMONIAL	
<p>ATIVO</p> <p><u>Ativo Circulante</u></p> <p>Disponível Duplicatas a Receber Estoques</p> <p><u>Ativo Não Circulante</u></p> <p>Ativo Realizável a Longo Prazo Investimentos Imobilizado Intangível</p>	<p>PASSIVO</p> <p><u>Passivo Circulante</u></p> <p>Fornecedores Salários a Pagar Tributos</p> <p><u>Passivo Não Circulante</u></p> <p>Exigível a Longo Prazo</p> <p><u>Patrimônio líquido</u></p> <p>Capital Social Reservas de Capital Ajustes de Avaliação Patrimonial Reservas de Lucro Ações em Tesouraria Lucros ou Prejuízos Acumulados</p>

Fonte: Adaptado Marion (2015).

Sendo assim, o balanço patrimonial serve para que os administradores verifiquem a situação dos bens, direitos e obrigações da empresa, e possam identificar também, por meio de análise o desempenho operacional da mesma.

2.2.1.1.1 Ativo Circulante

Os ativos circulantes são representados por todos os bens e direitos realizáveis no curso do exercício seguinte (curto prazo), ou seja, até 12 meses da data do balanço (BRAGA, 2012).

De acordo com Marion (2015, p.69):

Neste grupo são classificados: dinheiro disponível (caixa e bancos) em poder da empresa e também todos os valores que serão transformados (convertidos, realizados) em dinheiro a curto prazo: normalmente “duplicatas a receber” e “estoques”.

Ressalta-se que empresas cujo ciclo operacional for superior a 12 meses, podem considerar os ativos de curto prazo aqueles realizáveis no período de seu ciclo operacional (MATIAS, 2007).

2.2.1.1.2 Ativo Não Circulante

No grupo ativo não circulante estão os ativos de menor liquidez, isto é, realizáveis (transformados em dinheiro) no longo prazo (RIBEIRO, 2010). Segundo Marion (2015, p. 71), “os ativos não circulantes compreendem itens que serão realizados (transformados) em dinheiro a longo prazo, ou seja, em período superior a um ano, ou de acordo com o ciclo operacional da atividade predominante”. Este grupo é formado pela seguinte composição: Ativo Realizável a Longo Prazo, Investimentos, Imobilizado e Intangível.

Segundo Braga (2012), o ativo realizável a longo prazo refere-se os direitos realizáveis após o término do exercício, isto é, os valores realizáveis em prazos superiores definidos no ativo circulante.

Os investimentos são ativos que “[...] não se destinam a atividade operacional da empresa. São as participações em outras entidades (que não se destinam a venda), obras de arte, terrenos para futura utilização, imóveis alugados e outros ativos adquiridos com finalidades especulativas” segundo Martins, Miranda e Diniz (2014, p. 28).

O ativo imobilizado são bens destinados a manutenção das atividades operacionais, como os imóveis, os veículos, máquinas e equipamentos, móveis e utensílios entre outros (MATIAS, 2007).

O intangível são direitos destinados à manutenção da empresa, que tem como objeto bens incorpóreos (não palpáveis), ou melhor, que não se podem tocar, pegar. Exemplos: fundo de comércio, marcas, patentes, software etc. (MARION, 2015).

2.2.1.1.3 Passivo Circulante

No passivo circulante estão registradas as obrigações assumidas pela empresa e que devem ser honradas em curto prazo, neste mesmo grupo, também se encontram as contas rotineiras da empresa, tais como salários, impostos a pagar, contas a pagar, fornecedores entre outras (CAMLOFFSKI, 2014).

Conforme explica Matias (2007, p. 31), “[...] todos os passivos que serão pagos em um ano, após a data de início do balanço, também são de curto, o chamado passivo circulante”. Neste grupo serão classificadas as obrigações assumidas pela empresa para a manutenção das suas atividades operacionais (BRAGA, 2012).

2.2.1.1.4 Passivo Não Circulante

Esse grupo é formado pelas dívidas de longo prazo, isto é, com vencimentos superiores a 12 meses (JUNIOR, RIGO, CHEROBIM, 2010).

Marion (2015, p. 74) afirma que o passivo não circulante:

É composto principalmente do Exigível a Longo Prazo que compreende as obrigações com terceiros que serão liquidadas a longo prazo. As dívidas a longo prazo normalmente se referem aos financiamentos obtidos juntos às financeiras e bancos de desenvolvimento e de investimento.

Portanto, neste grupo são identificadas as contas que representam as obrigações, no qual a empresa terá que pagar após o término do exercício social seguinte ao do balanço (RIBEIRO, 2010).

2.2.1.1.5 Patrimônio Líquido

Integram o patrimônio líquido as contas de capitais próprios provenientes dos recursos de sócios e acionistas, bem como os lucros em decorrência dos resultados da gestão econômica/financeira da empresa (BRAGA, 2012).

Conforme Martins, Miranda e Diniz (2014, p. 31), o patrimônio líquido é dividido pelas seguintes contas:

- a) **Capital Social:** representa os valores investidos pelos acionistas ou sócios, acrescidos dos resultados obtidos pela entidade e não distribuídos [...].
- b) **Reservas de Capital:** são valores recebidos pela empresa que não transitaram pelo resultado como receitas e despesas. Representam transações de capital com os sócios. Portanto, são valores que fortalecem o capital sem nenhuma contrapartida por parte da empresa, como ágio na emissão de ações e bônus de subscrição.
- c) **Ajuste de Avaliação Patrimonial:** criada pela Lei nº 11.638/2007, essa conta compreende as diversas contrapartidas de aumentos e diminuições de valor de itens do ativo ou passivo decorrentes de avaliações a preço de mercado [...].
- d) **Reservas de Lucro:** são valores oriundos e retidos pela empresa com finalidades específicas [...].
- e) **Ações ou Cotas em Tesouraria:** são valores relativos à aquisição de ações ou cotas da própria entidade, portanto são dedutíveis do Patrimônio Líquido.
- f) **Lucros ou Prejuízos Acumulados:** a conta lucros ou prejuízos acumulados é utilizada para receber o resultado do período obtido pela entidade.

Marion (2015) relata que o patrimônio líquido, no balanço patrimonial, corresponde aos recursos dos proprietários aplicados na empresa, esses recursos significam o capital mais o seu rendimento (lucros e reservas). Deste modo, entende-se que o patrimônio líquido é uma espécie de obrigação da empresa perante seus proprietários.

2.2.1.2 Demonstração do Resultado

A demonstração do resultado (DR) tem como objetivo demonstrar o resultado gerado no exercício, por meio do resumo das receitas e despesas ocorridas em determinado período de tempo, geralmente no exercício social, em função das atividades operacionais da empresa (BRAGA, 2012).

Camloffski (2014, p. 12) afirma que “é através desse demonstrativo que se visualiza os resultados da empresa durante um determinado período de tempo, o qual pode ser mensal, trimestral, semanal ou anual”.

Segundo Assaf Neto (2012), este demonstrativo serve exclusivamente para apurar o lucro ou prejuízo do exercício, no qual engloba as receitas e as despesas incorridas no exercício, apuradas pelo regime de competência, independentemente, portanto de seus recebimentos e pagamentos. O quadro 2 abaixo, apresenta a estrutura da DR.

Quadro 2 - Demonstração do Resultado

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO
RECEITA LÍQUIDA
(-) Custo dos Produtos Vendidos ou Serviços Prestados
= RESULTADO BRUTO
(-) Despesas Operacionais
(-) Despesas de Vendas
(-) Despesas Administrativas
(+/-) Resultado Financeiro
(-) Despesas Financeiras
(+) Receitas Financeiras
= Resultado Antes dos Tributos sobre o Lucro
(-) Provisão para o IR e CSLL
= Resultado Líquido do Exercício

Fonte: Adaptado de Marion (2015).

2.2.1.3 Demonstração dos Fluxos de Caixa

A demonstração dos fluxos de caixa é um relatório contábil que tem por finalidade demonstrar as transações ocorridas em determinado período e que provocaram alterações no saldo da conta Caixa (RIBEIRO, 2010). Portanto, fluxos de caixa compreendem as movimentações de entradas e saídas de dinheiro na empresa.

Conforme Ludícibus et al (2010, p. 567), o objetivo do fluxo de caixa:

É prover informações relevantes sobre os pagamentos e recebimentos, em dinheiro, de uma empresa, ocorridos durante um determinado período, e com isso ajudar os usuários das demonstrações contábeis na análise da capacidade da entidade de gerar caixa e equivalentes de caixa, bem como suas necessidades para utilizar esses fluxos de caixa.

De acordo com Marion (2012) a demonstração dos fluxos de caixa será elaborada de forma direta, a partir da movimentação do caixa e equivalentes de caixa, ou de forma indireta, isto é, com base no lucro/prejuízo do exercício. O autor ainda afirma que essa demonstração deve ser apresentada por três tipos de fluxos de caixa: os fluxos das atividades operacionais, de investimentos e de financiamentos.

Ribeiro (2010, p. 363) explica que:

- a) atividades operacionais - compreendem as transações que envolvem a consecução do objeto social da entidade. Elas podem ser exemplificadas pelo recebimento de uma venda, pagamento de fornecedores por compra de materiais, pagamento dos funcionários etc.;
- b) atividades de investimento – compreendem as transações com os ativos financeiros, as aquisições ou vendas de participações em outras entidades e de ativos utilizados na produção de bens ou na prestação de serviços ligados ao objeto social da entidade;
- c) atividades de financiamentos – incluem a captação de recursos dos acionistas ou cotistas e seu retorno em forma de Lucros ou Dividendos, a captação de empréstimos ou outros recursos, sua amortização e remuneração.

O método direto consiste nas entradas e saídas de caixa decorrentes das atividades normais da empresa, em determinado período (RIBEIRO, 2010). Sobre a elaboração da demonstração dos fluxos de caixa por esse método Hoji (2014, p. 261) explica que “a DFC elaborada pelo *método direto* evidencia os principais itens de recebimentos e pagamentos pelos seus efetivos valores, o que facilita a visualização e a compreensão dos fluxos financeiros”. O quadro 3 abaixo demonstra o modelo de fluxo de caixa pelo método direto.

Quadro 3 - Modelo de Fluxo de Caixa Método Direto

DESCRIÇÃO	20XX
ATIVIDADES OPERACIONAIS	
Recebimentos de Clientes	
Pagamentos a Fornecedores	
Pagamentos de Impostos	
Pagamentos de Salários	
Caixa Líquido Proveniente das Atividades Operacionais	
ATIVIDADES DE INVESTIMENTOS	
Recebimento pela Venda de Imobilizado	
Aquisição de Investimentos	
Pagamento pela compra de Imobilizado	
Caixa Líquido Proveniente das Atividades de Investimentos	
ATIVIDADES DE FINANCIAMENTO	
Recebimento pela emissão de ações	
Pagamentos de Empréstimos e Financiamentos	
Pagamentos de Juros	
Caixa Líquido Proveniente das Atividades de Financiamentos	
Aumento Líquido no Caixa e Equivalentes de Caixa	
Saldo de Caixa e Equivalentes de Caixa no início do período	
Saldo de Caixa e Equivalentes de Caixa no final do período	

Fonte: Adaptado Guerra (2013).

No método indireto as entradas e saídas de caixa são demonstradas a partir do Lucro Líquido do Exercício, ajustado pela adição das despesas e exclusão das receitas, consideradas na apuração do resultado e que não afetaram o caixa da empresa, ou seja, entradas e saídas de dinheiro (RIBEIRO, 2010).

Sobre esse método Silva (2007, p. 101) afirma que “a DFC começa pelo lucro do exercício, fazendo os ajustes relativos aos itens que não afetaram o caixa, para se chegar ao caixa gerado pelas atividades operacionais”. Conforme se pode observar no quadro 4 abaixo.

Quadro 4 - Modelo de Fluxo de Caixa Método Indireto

DESCRIÇÃO	20XX
ATIVIDADES OPERACIONAIS	
Lucro Líquido do Exercício	
Depreciação e Amortização	
<u>Lucro Ajustado</u>	
Aumento/Redução em Clientes	
Aumento/Redução em Fornecedores	
Aumento/Redução em Estoques	
Aumento/Redução em Impostos	
Aumento/Redução em Salários a Pagar	
Caixa Líquido Proveniente das Atividades Operacionais	
ATIVIDADES DE INVESTIMENTOS	
Recebimento pela Venda de Imobilizado	
Aquisição de Investimentos	
Pagamento pela compra de Imobilizado	
Caixa Líquido Proveniente das Atividades de Investimentos	
ATIVIDADES DE FINANCIAMENTO	
Recebimento pela emissão de ações	
Amortização/Captação de Empréstimos e Financiamentos	
Pagamentos de Juros	
Caixa Líquido Proveniente das Atividades de Financiamentos	
Aumento Líquido no Caixa e Equivalentes de Caixa	
Saldo de Caixa e Equivalentes de Caixa no início do período	
Saldo de Caixa e Equivalentes de Caixa no final do período	

Fonte: Adaptado Guerra (2013).

Sobre a demonstração dos fluxos de caixa Matarazzo (2010, p. 33) afirma que a mesma “visa permitir a análise do aspecto financeiro da empresa, tanto no que diz respeito ao movimento de investimentos e financiamentos quanto relativamente à administração da empresa sob o ângulo de obter e aplicar compativelmente os recursos”. Portanto, a DFC é uma ferramenta que permite ao gestor identificar as entradas e saídas de recursos na empresa, tornando-se indispensável para a gestão dos negócios e para a tomada de decisão.

2.2.2 Análise do Capital de Giro segundo o Modelo Fleuriet

Na década de 70, no Brasil foi introduzido, pelo professor Francês Michel Fleuriet, um novo modelo para a administração do capital de giro que tem sido denominado análise financeira dinâmica de balanços. Esse modelo consiste em uma análise financeira com base no comportamento das empresas brasileiras da época. Segundo Padoveze (2013, p. 299), esse método “retoma o tema da liquidez e seus indicadores, sugerindo uma abordagem nova e diferente da abordagem da análise de balanço tradicional”.

De acordo com Souza (2003, p. 103) o modelo Fleuriet:

Procura mostrar os valores na forma de funcionalidade, abrangendo os níveis estratégico, tático e operacional. Para que isso aconteça, necessário se faz uma reclassificação das várias rubricas, agrupando, não só pelo critério tempo, mas levando em consideração sua relação com as operações da empresa.

Abreu Filho et al (2008) explicam que o nível operacional, está relacionado com a operação da empresa, nível tático, associado com o curto prazo, geralmente contas de tesouraria e o nível estratégico, está ligado com a alta administração da empresa.

Portanto, a diferença deste modelo com o de análise financeira tradicional está na reclassificação das contas do balanço patrimonial, isto é, classifica-se os elementos do giro, em dois tipos em relação ao seu comportamento com o ciclo operacional, em contas cíclicas (natureza operacional) e as contas erráticas (demais contas do circulante) (PADOVEZE, 2013). O quadro 5 ilustra o balanço patrimonial reclassificado pelo método Fleuriet.

Quadro 5 - Reclassificação do Balanço Patrimonial pelo Modelo Fleuriet

		ATIVO	PASSIVO		
CIRCULANTE	Financeiro	Caixas e Bancos Aplicações Financeiras	Empréstimos Bancários Financiamentos Dividendos a Pagar	Financeiro	CIRCULANTE
	Operacional	Duplicatas a receber Estoques Adiantamentos e Despesas de competência do Exercício seguinte	Fornecedores Salários e encargos Impostos Adiantamentos de clientes	Operacional	
NÃO CIRCULANTE		Realizável a Longo Investimentos Imobilizado Intangível	Exigível a Longo Prazo Patrimônio Líquido	NÃO CIRCULANTE	

Fonte: Adaptado Assaf Neto e Silva (2002).

Após a reclassificação do balanço patrimonial Vieira (2005, p. 73) afirma que:

Dessa forma, o ativo e o passivo cíclicos contêm as contas vinculadas à atividade operacional da empresa e que sofrem constante renovação. O ativo cíclico representa as aplicações operacionais de recursos necessárias ao adequado funcionamento da empresa, enquanto o passivo cíclico é composto pelas fontes operacionais de recursos que a empresa tem, a sua disposição, para financiar suas atividades.

Deste modo, o modelo dinâmico proposto por Fleuriet apresenta uma análise mais avançada do capital de giro da empresa. Em seguida, demonstra-se os três principais indicadores utilizados na avaliação do capital de giro.

2.2.2.1 Indicadores do Modelo Dinâmico Fleuriet

Logo após a reclassificação das contas do balanço patrimonial, aplica-se o cálculo dos indicadores do modelo proposto por Fleuriet, que são: Capital

Circulante Líquido (CCL), Necessidade de Capital de Giro (NCG) e o Saldo da Tesouraria (ST).

2.2.2.1.1 Capital Circulante Líquido

O capital de giro, conhecido também como capital circulante líquido, é definido pela diferença entre o ativo circulante e o passivo circulante, onde ativo circulante representa os investimentos realizados pela empresa no curto prazo e o passivo circulante é representado pelas fontes de financiamentos a curto prazo.

Morante (2007, p. 48) explica que “o capital de giro líquido representa, de maneira geral, o valor líquido das aplicações (deduzidas das dívidas a curto prazo) processadas no ativo (capital) circulante da empresa”. Assim, a forma direta para se obter o valor do capital de giro líquido é pela diferença entre o ativo circulante e o passivo circulante:

Quadro 6 - Capital Circulante Líquido

$$\text{CCL} = \text{AC} - \text{PC}$$

Fonte: Adaptado Gitman (2010).

Sendo definido por essa diferença, a empresa pode ter capital circulante líquido positivo, quando o ativo circulante é superior ao passivo circulante. Ou capital circulante negativo quando o primeiro é inferior ao segundo (GITMAN, 2010).

Assaf Neto e Silva (2002), ressaltam, que para melhor entendimento do capital circulante líquido, utiliza-se o processo de baixo para cima no balanço patrimonial, ou seja, por meio da parcela de recursos de longo prazo que excede as aplicações da mesma maturidade, desta maneira, para realizar esse processo utiliza-se da seguinte fórmula:

Quadro 7 - Capital Circulante Líquido

$$\text{CCL} = (\text{PL} + \text{PELP}) - \text{ANC}$$

Fonte: Adaptado Assaf Neto e Silva (2002).

Para melhor entendimento do CCL, será apresentado a seguir dois exemplos de estrutura patrimonial.

Exemplo 1:

Figura 1 - Balanço Patrimonial: Capital Circulante Líquido Positivo

	AC \$35	PC \$20	
CCL		PELP \$30	Recursos de Longo Prazo
	ANC \$65	PL \$50	

Fonte: Adaptado Assaf Neto e Silva (2002)

Como pode-se observar essa estrutura patrimonial apresenta um CCL positivo de \$15, ou seja, do total \$35 aplicados no ativo circulante, \$20 são financiados pelo passivo circulante, e os \$15 restantes, representa o capital circulante líquido, oriundos de recursos de longo prazo. Mas pode-se entender de outra forma, os recursos captados a longo prazo (PL + PELP= \$80), são suficientes para manter todos os investimentos no longo prazo (ANC= \$65) e ainda cobrir parte dos investimentos no curto prazo (CCL= \$15).

Exemplo 2:

Figura 2 - Balanço Patrimonial: Capital Circulante Líquido Negativo

	AC \$70	PC \$110	
Investimentos de Longo Prazo	ANC \$130		CCL (negativo)
		PELP \$40	
		PL \$50	

Fonte: Adaptado Assaf Neto e Silva (2002)

Observa-se que neste balanço patrimonial o passivo circulante \$110 é superior ao ativo circulante \$70, ou seja, indica que dos \$130 investidos no ativo não circulante, \$40 são financiados por dívidas de curto prazo. De outra maneira, pode-se relatar que a empresa possui \$90 de recursos de longo prazo (PL + PELP), sendo que esses recursos não são suficientes para cobrir os investimentos presentes no ativo não circulante de \$130, sendo a diferença de \$40 financiados por recursos de curto prazo (PC). O quadro 8 abaixo, explica as possibilidades de CCL.

Quadro 8 - Interpretação do Capital Circulante Líquido

CCL	Interpretação
Positivo	Indica uma folga financeira na liquidez da empresa, ou seja, caracterizada pela sobra de recursos financeiros de longo prazo para financiar o giro dos negócios.
Negativo	Indica que a empresa possui um aperto na liquidez, isto é, apresenta investimentos de longo prazo financiados com dívidas de curto prazo.

Fonte: Adaptado Souza (2014).

Deste modo, calcular o CCL, é essencial para a empresa medir a sua liquidez, pois, o mesmo indica se a empresa possui ou não recursos suficientes para honrar os seus compromissos assumidos com terceiros. Logo, é essencial que a empresa apresente CCL positivo, pois, significa que a mesma possui uma folga financeira, ou seja, os investimentos realizados no ativo circulante (disponibilidades, estoques, clientes) são suficientes para liquidar todas as suas obrigações no curto prazo (fornecedores, salários, contas a pagar, empréstimos) (SOUZA, 2014).

2.2.2.1.2 Necessidade de Capital de Giro

A necessidade de capital de giro é um indicador importante a ser analisado na empresa, pois, o mesmo indica o quanto a empresa necessita de recursos para financiar o giro dos negócios. Vieira (2005, p. 78) explica que “quando as aplicações são superiores às fontes surge uma aplicação líquida de recursos decorrentes das operações que passa a fazer parte da vida da empresa”. A NCG envolve as contas de ativos e passivos circulantes operacionais da empresa.

Segundo Matarazzo (2010, p. 284):

O *ativo circulante operacional* é o investimento que decorre automaticamente das atividades de compra/produção/estocagem/venda, enquanto o *passivo circulante operacional* é o financiamento, também automático que decorre dessas atividades.

Portanto, a diferença entre os investimentos realizados no ativo circulante operacional e os financiamentos decorrentes do passivo circulante operacional é quanto a empresa necessita de capital para financiar o giro de suas operações.

Matias (2007, p.38) afirma que:

Difícilmente os pagamentos que a empresa efetua (saídas de caixa) são sincronizados com seus recebimentos (entradas de caixa). A falta de sincronização temporal entre pagamento, produção, vendas e recebimentos pode fazer com que o ciclo operacional não gere recursos em montante e/ou prazo suficiente para sustentar a atividade operacional da empresa, o que acarreta a necessidade de capital de giro (NCG).

Deste modo, podemos dizer que a necessidade de capital de giro nasce do descompasso entre contas a pagar e contas a receber, ou seja, quando no ciclo financeiro as saídas de caixa ocorrem antes das entradas (ABREU FILHO, 2008). Martins, Miranda e Diniz (2014, p.153) afirmam que “a necessidade do capital de giro representa a parte do ativo operacional que não é financiada por passivos operacionais [...]”, assim, a NCG é determinada mediante a seguinte fórmula:

Quadro 9 - Necessidade de Capital de Giro

$$\text{NCG} = \text{ACO} - \text{PCO}$$

Fonte: Adaptado Matarazzo (2010).

De acordo com Matarazzo (2010, p.284), após o cálculo da NCG tem-se a seguintes situações:

ACO > PCO é a situação normal da maioria das empresas. Há uma NCG para qual a empresa deve encontrar fontes adequadas de financiamento.

ACO = PCO neste caso a NCG é igual a zero e portanto a empresa não tem necessidade de financiamento para o giro.

ACO < PCO a empresa tem mais financiamentos operacionais do que investimentos operacionais. Sobram recursos das atividades operacionais, os quais poderão ser usados para aplicação no mercado financeiro.

O autor ainda afirma que para financiar a NCG, a empresa pode recorrer a três fontes de financiamentos: o capital circulante próprio, os empréstimos e financiamentos de longo prazo e ou empréstimos e financiamentos de curto prazo.

2.2.2.1.3 Saldo de Tesouraria e o Efeito Tesoura

O saldo de tesouraria compreende as contas financeiras, do ativo e do passivo circulantes, do balanço patrimonial. Segundo Matias (2007 p. 39), “o saldo em tesouraria corresponde à diferença entre o ativo circulante financeiro e o passivo circulante financeiro”, portanto, o cálculo do saldo de tesouraria é mediante a seguinte fórmula.

Quadro 10 - Saldo de Tesouraria

$ST = ACF - PCF$

Fonte: Adaptado Souza (2014)

Souza (2014, p. 100) explica que: “[..] o ativo circulante financeiro é constituído pelos itens não operacionais e representam o caixa e equivalentes de caixa, e os passivos financeiros são constituídos pelos itens não operacionais e representa as dívidas onerosas de curto prazo”.

Após o cálculo do ST, a empresa pode apresentar resultados positivos ou negativos, se este saldo for positivo significa que a empresa possui disponibilidades de recursos para garantir o pagamento das obrigações no curto prazo, porém se este resultado for negativo, indica que a empresa passa por dificuldades financeiras, ou seja, não possui recursos suficientes para sua liquidez (MARTINS, MIRANDA E DINIZ, 2014). Para Matias (2007, p. 39), “a gestão do capital de giro financeiro está intimamente ligada à liquidez da empresa, isto é, sua capacidade de pagamento”.

Portanto, analisar o capital circulante líquido (CCL), a necessidade de capital de giro (NCG) e o saldo de tesouraria (ST), de forma conjunta, poderá proporcionar a empresa importantes evidências sobre a sua liquidez no curto prazo. O quadro 11 abaixo ilustra a situação financeira de uma empresa.

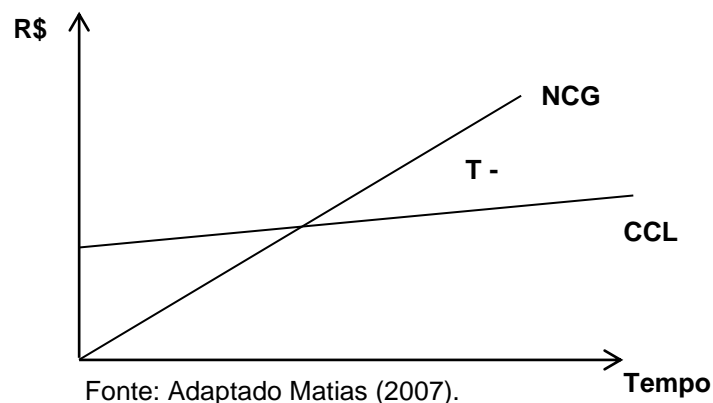
Quadro 11 - Situações Financeiras de uma Empresa

Tipo	CCL	NCG	ST	SITUAÇÃO
I	+	-	+	Excelente
II	+	+	+	Sólida
III	+	+	-	Insatisfatória
IV	-	+	-	Péssima
V	-	-	-	Muito Ruim
VI	-	-	+	Alto Risco

Fonte: Adaptado Martins, Miranda e Diniz (2014)

Assaf Neto (2006, p. 219) afirma que “quando uma empresa apresenta por vários exercícios seguidos um crescimento da NCG superior ao do CCL, diz-se que ela convive com o denominado efeito tesoura, identificada por um crescente saldo de disponível negativo”. A figura 3 abaixo ilustra o efeito tesoura.

Figura 3 - Efeito Tesoura



Como pode-se observar na figura 3, a empresa obteve um crescimento contínuo da NCG superior ao CCL, portanto, quando isso acontece tem-se o efeito tesoura. O saldo de tesouraria pode apresentar duas situações, positivo significa folga financeira e saldo negativo, indicando a dependência de capital de terceiros de curto prazo para financiar as operações.

Assim, o efeito tesoura ocorre quando a empresa aumenta as suas operações, sem que haja fonte de capital de giro disponível. O crescimento das vendas acarreta em aumento na necessidade de capital de giro. Deste modo, quando a empresa não possui saldo de tesouraria suficiente para financiar o

aumento das vendas, esse crescimento poderá levar a empresa a passar por dificuldades financeiras, podendo até levá-la a falência (SOUZA, 2014).

2.2.3 Prazos Médios

Os prazos médios relatam o desempenho operacional da empresa e suas necessidades de investimento em giro (MATARAZZO, 2010). Estes prazos podem ser calculados por meio do balanço patrimonial e da demonstração do resultado, assim a empresa pode verificar o prazo médio de rotação dos estoques, recebimento das vendas e pagamentos dos fornecedores (SOUZA, 2014).

Ressalta-se, que dependendo das atividades operacionais da empresa, uma ou mais dessas fases podem não ocorrer. Por exemplo, se uma empresa vende somente a vista, o prazo médio de recebimento é considerado nulo. Da mesma maneira, acontece com empresas que produzem somente sob encomenda, assim o prazo médio de estocagem não irá existir (NETO e SILVA, 2002).

Segundo Matarazzo (2010, p. 267), “a análise dos prazos médios só é útil quando os três prazos são analisados conjuntamente”.

Assim, analisar os indicadores de prazos médios é fundamental para a empresa conhecer sua real situação operacional, podendo antecipar ações corretivas, caso necessário (MATARAZZO, 2010).

2.2.3.1 Prazo Médio de Renovação dos Estoques

O prazo médio de renovação dos estoques (PMRE) indica o tempo médio que a matéria-prima permanece no estoque a espera de ser consumida no processo de produção (ASSAF NETO, 2015). Sobre o prazo médio de renovação dos estoques Souza (2014, p. 93) afirma que “representa o tempo médio que os produtos ficam parados no estoque ao longo do ano, desde a entrada da matéria-prima até a saída do produto acabado”. Assim, aplica-se a seguinte fórmula para calcular o PMRE:

Quadro 12 - Prazo Médio de Renovação dos Estoques

$$\text{PMRE} = \frac{\text{Estoque de matéria-prima}}{\text{Custo das vendas}} \times 360$$

Fonte: Adaptado Morante (2007).

Morante (2007, p. 34) afirma que “seu resultado para efeito de análise financeira será considerado, quanto menor, melhor para a segurança do credor, uma vez que uma maior rotação indicará possibilidade de maiores disponibilidades”. Ressalta-se ainda que é um prazo bastante importante, pois para manter os estoques de produtos e matéria-prima, a empresa precisa investir em recursos financeiros.

2.2.3.2 Prazo Médio de Recebimento das Vendas

O prazo médio de recebimento das vendas (PMRV) indica o tempo médio em receber o produto vendido, ou seja, quanto tempo à empresa esperará para receber as vendas realizadas (ASSAF NETO, 2015). Para calcular o PMRV utiliza-se a seguinte fórmula:

Quadro 13 - Prazo Médio de Recebimento das Vendas

$$\text{PMRV} = \frac{\text{Clientes}}{\text{Vendas}} \times 360$$

Fonte: Adaptado Assaf Neto (2015).

Segundo Morante (2007, p. 35) o prazo médio de recebimento das vendas tem como objetivo “indicar o número de dias que decorrem, em média, entre a efetivação da venda e o recebimento do valor correspondente”. Sobre PMRV Souza (2014, p. 94) afirma que “é bastante importante, na medida em que para vender a prazo, mediante concessão de crédito ao cliente, a empresa precisa ter disponível alguma fonte de financiamento e também se expõe a um maior risco de crédito”.

Para as empresas é benefício um menor prazo médio de recebimento das vendas, pois assim, diminuirá a necessidade de recursos para financiar o giro e maior será a eficiência na cobrança das vendas (ASSAF NETO e SILVA, 2002). “Por outro lado, o aumento do prazo médio de recebimento das vendas pode ser uma

estratégia comercial da empresa, dado que a concessão de crédito é uma forma de alavancar as vendas” (SOUZA, 2014, p. 94).

Vale ressaltar que este prazo pode variar de mês para mês, em função de sazonalidades, tendo como exemplo as empresas que comercializam produtos da época, cujas vendas estão concentradas em determinados meses do ano (SOUZA, 2014).

2.2.3.3 Prazo Médio de Pagamento dos Fornecedores

O prazo médio de pagamento dos fornecedores (PMPF) relata o tempo médio que a empresa demora em pagar as suas compras de produtos e matéria-prima (ASSAF NETO, 2015). O objetivo deste prazo é “indicar o número em dias que decorrem, em média, entre a compra e seu efetivo pagamento aos fornecedores” (MORANTE, 2007, p. 36). Para calcular este prazo utiliza-se a seguinte fórmula:

Quadro 14 - Prazo Médio de Pagamento dos Fornecedores

$$\text{PMPF} = \frac{\text{Fornecedores a pagar} \times 360}{\text{Compras a prazo}}$$

Fonte: Adaptado Camloffski (2014).

Logo, quanto maior esse prazo, melhor é para a empresa, pois, maior será seu financiamento das operações pelos fornecedores, o que representa menor investimento no capital de giro para financiar as atividades operacionais (CAMLOFFSKI, 2014).

2.2.4 Ciclos

As atividades operacionais de uma empresa envolvem, de forma continua a produção de bens e serviços, onde resultam na realização das vendas e nos respectivos recebimentos. São nessas operações básicas que a empresa procura obter lucros, de forma a remunerar as expectativas de retorno de suas diversas fontes de financiamento, sendo estes, credores e proprietários (ASSAF NETO, 2012).

Diante deste processo pode-se verificar os ciclos de uma empresa, que se dividem em Econômico, Operacional e Financeiro.

2.2.4.1 Ciclo Econômico

No ciclo econômico são consideradas as ocorrências de natureza econômica, ou seja, compreende toda a fase de produção da empresa, que inicia-se desde a estocagem da matéria-prima, produção e a respectiva venda (ASSAF NETO, 2012). Deste modo, o ciclo econômico representa o período em que a mercadoria permanece no estoque até a sua venda.

Para cálculo do ciclo econômico a empresa utiliza a seguinte fórmula:

Quadro 15 - Ciclo Econômico (CE)

$$CE = PMRE$$

Fonte: Adaptado Padoveze (2013).

Padoveze (2013, p. 290) afirma que este ciclo “evidencia os eventos econômicos no momento em que eles acontecem, bem como a sua mensuração econômica. É nele que se apura o resultado do desempenho das atividades”. Sendo assim, os reflexos de caixa ocorridos no ciclo operacional (prazo de pagamento e os de recebimentos), não são considerados neste ciclo.

2.2.4.2 Ciclo Operacional

O ciclo operacional representa o período de tempo transcorrido desde a aquisição de matéria prima para industrialização ou de produtos para revenda, até o recebimento dos clientes pela venda dos produtos fabricados ou revendidos (HOJI, 2014).

É desse processo natural que se predomina o ciclo operacional da empresa, composto por todas as fases de suas atividades operacionais (ASSAF NETO, 2012). Este ciclo consiste nas ações necessárias e exercidas para o

funcionamento de cada atividade, sendo o processo de gestão de cada atividade que engloba planejamento, execução e controle (PADOVEZE, 2013).

De acordo com Martins, Miranda e Diniz (2014, p. 169):

Esse conceito tem o objetivo de proporcionar uma visão do tempo gasto pela entidade em cada fase do processo produtivo, bem como o volume de capital necessário para suportar financeiramente o prazo envolvido entre a aquisição da mercadoria e o recebimento da venda.

Souza (2014, p. 95) afirma que “o ciclo operacional é o intervalo de tempo em que uma empresa executa todas as suas atividades operacionais, a venda e o recebimento dos créditos gerados pelas atividades comerciais”. Portanto para cálculo do ciclo operacional utilizamos a seguinte fórmula:

Quadro 16 - Ciclo Operacional (CO)

$$CO = PMRE + PMRV$$

Fonte: Adaptado Souza (2014).

Este ciclo varia em função do setor de atividade e ramo de atuação da empresa, pois várias empresas têm ciclo operacional com prazo inferior a 12 meses, logo, nessas situações este ciclo se repete várias vezes no ano, evidenciando maior giro (rotação) para os investimentos operacionais (ASSAF NETO e SILVA, 2002).

2.2.4.3 Ciclo Financeiro

O ciclo financeiro reconhece as necessidades de recursos da empresa, que ocorrem desde o pagamento aos fornecedores até o adequado recebimento das vendas (ASSAF NETO, 2012).

Para Vieira (2005, p. 54) “o ciclo financeiro (CF), conhecido também como ciclo de conversão de caixa, é a dimensão do tempo decorrido entre as saídas de caixa operacionais e o recebimento das vendas de produtos”. Para ele, este ciclo está diretamente relacionado com a necessidade de capital de giro, pois representa o tempo que a empresa possui para captar recursos para financiar suas atividades.

Afim, de determinar o ciclo financeiro a empresa utiliza-se da seguinte fórmula:

Quadro 17 - Ciclo Financeiro (CF)

$$CF = PMRE + PMRV - PMPF$$

Fonte: Adaptado Assaf Neto (2012).

Para Matias (2007) quando este ciclo é administrado de forma eficaz, a empresa terá liquidez e lucratividade, necessárias para sua sobrevivência e prosperidade. O capital de giro representa o montante de recursos financeiros necessários para a manutenção desse ciclo.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, a princípio, descreve-se o enquadramento metodológico do estudo. Após, apresenta-se os procedimentos utilizados para a coleta e análise de dados.

3.1 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Com relação aos objetivos, este estudo caracteriza-se como descritivo, pois tem como base demonstrar a situação do capital de giro da empresa JBC confecções. Para Andrade (2010. p. 112), “nesse tipo de pesquisa, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles”.

No que se refere a abordagem do problema, esta pesquisa enquadra-se como qualitativa, pois calculam-se os indicadores de análise dinâmica de balanços propostos por Fleuret. De acordo com Martins e Theóphilo (2009, p. 61), esse tipo de pesquisa “[...] é caracterizada pela descrição, compreensão e interpretação de fatos e fenômenos [...]”.

A fim de atingir o objetivo geral, realizou-se um estudo de caso em uma confecção localizada na região sul de Santa Catarina. Segundo Pinheiro (2010, p. 23), “o estudo de caso envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento”.

Quanto aos procedimentos a pesquisa enquadra-se como documental. Conforme Martins e Theóphilo (2009, p. 55), a pesquisa documental “é característica dos estudos que utilizam documentos como fonte de dados, informações e evidências”. Assim, os dados obtidos da empresa objeto de estudo, serão analisados por meio das demonstrações contábeis dos anos de 2014, 2015 e 2016.

3.2 PROCEDIMENTOS PARA COLETA E ANÁLISE DADOS

Para compreender a situação do capital de giro da empresa JBC Confecções, a coleta de dados se deu pelo fornecimento das demonstrações contábeis dos anos de 2014, 2015 e 2016 pela empresa estudada.

Assim, por meio desses demonstrativos (balanço patrimonial e demonstração de resultado) realizou-se os cálculos dos indicadores de análise financeira dinâmica de balanços propostos por Fleuriet, os prazos médios e os ciclos da atividade da empresa.

4 ETAPA DO ESTUDO

Neste capítulo, apresenta-se o estudo de caso realizado em uma confecção localizada na região sul de Santa Catarina. A princípio, evidencia-se a caracterização da empresa. Em seguida, será feita a análise do capital de giro. Para esta análise foi solicitada a empresa, as demonstrações contábeis dos anos de 2014, 2015 e 2016, cuja finalidade é demonstrar a real situação do capital de giro.

Devido à proteção e sigilo das informações, o nome da empresa em estudo não será divulgado. Portanto, para fins desta pesquisa utiliza-se o nome fictício denominado “JBC Confecções”.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA

A JBC Confecções é uma empresa de pequeno porte (EPP) enquadrada no simples nacional. Iniciou suas atividades no dia 01 de agosto de 2010 na cidade de Jaguaruna, litoral catarinense. Há 7 anos vem produzindo moda adulto e infantil, com o propósito de oferecer aos seus clientes melhor qualidade com preços acessíveis, no qual, vem se destacando pela ampla aceitação no mercado.

Atualmente a JBC Confecções atua com quatro marcas: Lucca, Catarina, Alice, e Piter Pan que tem como objetivo fornecer conforto e estilo.

- **Lucca:** a marca masculina inspirada na cidade italiana de mesmo nome, traz conforto e estilo para os homens de todas as idades, além de deixá-los ainda mais charmosos.
- **Catarina:** inspirada na pioneira das confecções JBC, a marca traz muita elegância e contemporaneidade para as mulheres de todas as idades e estilo, a marca carrega consigo a luz da precursora Catarina.

- **Alice:** a marca Alice traz conforto e estilo para as meninas de todas as idades, com looks que vestem desde o início da infância até a adolescência descolada, a marca exala beleza e delicadeza.
- **Piter Pan:** a marca dos meninos veio para traduzir o espírito das brincadeiras e aventuras da infância. Vestindo meninos de todas as idades, traz conforto e estilo para os momentos mais divertidos.

As marcas da JBC Confecções vêm conquistando os consumidores, pelo fato das coleções estarem sempre em sintonia com as tendências da moda atual e, ao mesmo tempo, mantendo a tradição de peças básicas. Assim, sua identidade é facilmente reconhecida pelos consumidores que veem a marca como sinônimo de qualidade e moda acessível.

4.2 ANÁLISE DO CAPITAL DE GIRO A PARTIR DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

Para realização do estudo de caso, as informações coletadas da JBC Confecções foram disponibilizadas pela analista contábil, com consentimento do dono da empresa. Assim, por meio do balanço patrimonial, demonstração do resultado e a demonstração dos fluxos de caixa, foi realizada uma análise mostrando o desempenho da JBC Confecções durante o ano de 2014, 2015 e 2016.

Evidencia-se que a empresa não realiza a elaboração da DFC, todavia com base no balanço patrimonial a pesquisadora elaborou a DFC pelo método indireto dos últimos dois períodos e sugeriu para a empresa adotar esta ferramenta, pois esta demonstra onde estão as origens e aplicações dos recursos.

4.2.1 Balanço Patrimonial

O balanço patrimonial tem como finalidade demonstrar a situação patrimonial e financeira de uma empresa, em determinado período. Com base na análise dos três anos apresenta-se a seguir as principais contas do ativo e suas variações dentro do período, bem como a análise vertical cujo objetivo é mostrar a representatividade de cada conta em relação ao total do Ativo e Passivo patrimonial, conforme o quadro 18 abaixo:

Quadro 18 - Análise Vertical do Ativo

BALANÇO PATRIMONIAL						
ATIVO	2016	AV%	2015	AV%	2014	AV%
CIRCULANTE	229.324,11	95,83%	234.197,89	95,54%	251.104,25	95,29%
Caixa e Equivalentes de Caixa	14.404,47	6,02%	13.869,24	5,66%	14.165,97	5,38%
Clientes	178.698,64	74,67%	184.832,07	75,40%	198.601,97	75,37%
Estoques	36.221,00	15,14%	35.496,58	14,48%	38.336,31	14,55%
NÃO CIRCULANTE	9.983,40	4,17%	10.937,32	4,46%	12.398,29	4,71%
Realizável a Longo Prazo	-	0,00%	-	0,00%	-	0,00%
Imobilizado	9.823,40	4,10%	10.762,92	4,39%	12.206,45	4,63%
Intangível	160,00	0,07%	174,40	0,07%	191,84	0,07%
TOTAL DO ATIVO	239.307,51	100,00%	245.135,22	100,00%	263.502,55	100,00%

Fonte: Elaborado pela autora.

Partindo do ativo total da empresa, verifica-se que no ano de 2014, a composição do ativo circulante sobre o seu total foi de 95,29%, no qual teve uma leve alteração nos demais períodos, 95,54% em 2015 e 95,83% no ano de 2016.

O ativo não circulante no ano de 2014 foi de 4,71%, no ano de 2015 representou 4,46% e no ano de 2016 foi 4,17% do ativo total. Segundo a análise vertical a empresa possui mais investimentos no curto prazo do que no longo prazo.

A seguir, no quadro 19 será apresentado a análise vertical do passivo e o patrimônio líquido da empresa.

Quadro 19 - Análise Vertical do Passivo

BALANÇO PATRIMONIAL						
PASSIVO	2016	AV%	2015	AV%	2014	AV%
CIRCULANTE	175.808,04	73,47%	181.467,70	74,03%	191.691,86	72,75%
Fornecedores	121.299,58	50,69%	123.725,57	50,47%	131.149,11	49,77%
Obrigações Trabalhistas	39.090,44	16,33%	36.745,01	14,99%	36.010,11	13,67%
Obrigações Tributárias	15.418,02	6,44%	14.647,12	5,98%	13.182,41	5,00%
Empréstimos e Financiamentos	-	0,00%	6.350,00	2,59%	11.350,23	4,31%
NÃO CIRCULANTE	-	0,00%	-	0,00%	-	0,00%
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	63.499,47	26,53%	63.667,51	25,97%	71.810,69	27,25%
TOTAL DO PASSIVO	239.307,51	100,00%	245.135,22	100,00%	263.502,55	100,00%

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com o balanço patrimonial da JBC Confecções, os saldos das contas do passivo circulante permaneceram constantes nos três períodos, mas observa-se um decréscimo na conta de empréstimos e financiamentos, os quais passaram de 4,31% em 2014, para 2,59% em 2015 e no ano de 2016, a empresa liquidou essa obrigação com terceiros.

4.2.2 Demonstração do Resultado

Por meio do demonstrativo de resultado, a empresa visualiza o resultado econômico gerado pelas suas atividades operacionais. O quadro 20 abaixo apresenta a análise dos três períodos.

Quadro 20 - Análise Vertical do Demonstrativo de Resultado

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO						
DESCRIÇÃO	2016	AV%	2015	AV%	2014	AV%
RECEITA LÍQUIDA DE VENDAS	632.749,69	100,00%	601.112,21	100,00%	541.000,98	100,00%
(-) Custo dos Produtos Vendidos	(521.784,78)	-82,46%	(502.647,54)	-83,62%	(413.560,67)	-76,44%
LUCRO OPERACIONAL BRUTO	110.964,91	17,54%	98.464,66	16,38%	127.440,32	23,56%
(-) Despesas Operacionais	(83.129,97)	-13,14%	(78.755,04)	-13,10%	(76.633,83)	-14,17%
(-) Despesas Administrativas	(26.243,21)	-4,15%	(24.143,75)	-4,02%	(23.660,88)	-4,37%
(-) Despesas com Vendas	(56.886,76)	-8,99%	(54.611,29)	-9,09%	(52.972,95)	-9,79%
Resultado Financeiro	(3.002,99)	-0,47%	(2.852,80)	-0,47%	(2.995,80)	-0,55%
(+) Receitas Financeiras	4,13	0,00%	3,96	0,00%	3,81	0,00%
(-) Despesas Financeiras	(3.007,12)	-0,48%	(2.856,76)	-0,48%	(2.999,60)	-0,55%
LUCRO LÍQUIDO DO EXERCÍCIO	24.831,95	3,92%	16.856,82	2,80%	47.810,69	8,84%

Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando o quadro 20, nota-se que a receita líquida da empresa teve um aumento de 17% indicando que as estratégias comerciais utilizadas pela JBC Confeções impactaram positivamente no resultado do ano de 2016. Ressalta-se que os custos dos produtos vendidos correspondem a 82,46% da receita líquida, no qual os maiores gastos se referem a matéria prima e mão de obra. Nota-se também que as despesas operacionais se mantiveram constantes nos períodos analisados.

4.2.3 Demonstração do Fluxo de Caixa Método Indireto

A demonstração dos fluxos de caixa relata as transações que ocorreram em determinado período e que provocaram alterações no saldo da conta Caixa. No quadro 21 abaixo será apresentado a DFC dos anos de 2015 e 2016 pelo método indireto.

Quadro 21 - Demonstração dos Fluxos de Caixa Método Indireto

DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA		
ATIVIDADES OPERACIONAIS	2016	2015
Lucro Líquido do Exercício	24.831,95	16.856,82
(+) Depreciação e Amortização	741,30	752,60
(=) Lucro Ajustado	25.573,25	17.609,42
Clientes	6.133,43	13.769,90
Estoques	(724,42)	2.839,73
Fornecedores	(2.425,99)	(7.423,53)
Obrigações Trabalhistas	2.345,43	734,90
Obrigações Tributárias	770,90	1.464,71
Caixa Líquido Gerado pelas Atividades Operacionais	31.672,60	28.995,13
ATIVIDADES DE INVESTIMENTOS		
Imobilizado/ Intangível	212,62	708,37
Caixa Líquido Gerado pelas Atividades de Investimentos	212,62	708,37
ATIVIDADES DE FINANCIAMENTOS		
Empréstimos e Financiamentos	(6.350,00)	(5.000,23)
Distribuição de Dividendos	(25.000,00)	(25.000,00)
Caixa Gerado pelas Atividades de Financiamentos	(31.350,00)	(30.000,23)
Aumento Líquido nas Disponibilidades	535,22	(296,73)
Saldo de Caixa no Início do Período	13.869,24	14.165,97
Saldo de Caixa no Final do Período	14.404,47	13.869,24

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisar a DFC do ano de 2016, nota-se que o lucro líquido mais o ajuste da depreciação e amortização, as variações geradas pelas atividades operacionais R\$ 31.672,60 e as variações geradas nas atividades de investimentos R\$ 212,62, foram suficientes para cobrir os desembolsos efetuados nas atividades de financiamentos R\$ 31.350,00, tendo assim um reflexo positivo de R\$ 535,22 para a formação do saldo final de caixa. Verifica-se também que no ano de 2016 as gerações operacionais foram a base principal para a formação do saldo das disponibilidades.

Em relação ao ano de 2015 as variações geradas pelas atividades operacionais R\$ 28.995,13 e as variações de investimentos R\$ 708,37 não foram suficientes para cobrir as saídas de caixa nas atividades de financiamentos R\$ 30.000,23, tendo assim uma variação líquida negativa no saldo final, no qual podemos observar na conta caixa e equivalentes de caixa no balanço patrimonial,

em que o ano de 2014 apresentava um saldo de R\$ 14.165,97 e o ano de 2015 apresentou um saldo de R\$ 13.869,24.

Com a elaboração da DFC identificou-se as origens e aplicações de recursos, como demonstrado no quadro 22 abaixo.

Quadro 22 - Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos

DEMONSTRAÇÃO DAS ORIGENS E APLICAÇÕES DE RECURSOS		
VARIAÇÕES DO CIRCULANTE	2016	2015
ORIGENS DE RECURSOS		
Redução Clientes a Receber	6.133,43	13.769,90
Redução de Estoques	-	2.839,73
Aumento Obrigações Trabalhistas	2.345,43	734,90
Aumento Obrigações Tributárias	770,90	1.464,71
SALDO DAS ORIGENS	9.249,76	18.809,24
APLICAÇÕES DE RECURSOS		
Aumento de Estoques	(724,42)	-
Redução Fornecedores	(2.425,99)	(7.423,53)
Redução Empréstimos e Financiamentos	(6.350,00)	(5.000,23)
Distribuição de Dividendos	(25.000,00)	(25.000,00)
SALDO DAS APLICAÇÕES	(34.500,41)	(37.423,76)

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisar as origens e aplicações, ficou evidente que a origem de recursos com maior representatividade foi a redução das contas a receber R\$ 6.133,43 em 2016 e R\$ 13.769,90 em 2015 e as aplicações de recursos com maior relevância foi a distribuição de dividendos R\$ 25.000,00 em ambos os períodos.

4.3 INDICADORES DA ANÁLISE DINÂMICA DE BALANÇOS

Para realizar a análise dinâmica do capital de giro, os elementos do balanço patrimonial da empresa JBC Confecções foram reclassificados em dois tipos, em contas cíclicas (operacionais) e contas erráticas (financeiras).

O quadro 23 apresenta a reclassificação das contas do ativo.

Quadro 23 - Reclassificação das Contas do Ativo

BALANÇO PATRIMONIAL			
ATIVO	2016	2015	2014
Ativo Circulante Financeiro	14.404,47	13.869,24	14.165,97
Caixa e Equivalentes de Caixa	14.404,47	13.869,24	14.165,97
Ativo Circulante Operacional	214.919,64	220.328,65	236.938,28
Clientes	178.698,64	184.832,07	198.601,97
Estoques	36.221,00	35.496,58	38.336,31
Ativo Não Circulante	9.983,40	10.937,32	12.398,29
Realizável a Longo Prazo	-	-	-
Imobilizado	9.823,40	10.762,92	12.206,45
Intangível	160,00	174,40	191,84
TOTAL DO ATIVO	239.307,51	245.135,22	263.502,55

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro 24 abaixo demonstra a reclassificação das contas do passivo.

Quadro 24 - Reclassificação das Contas do Passivo

BALANÇO PATRIMONIAL			
PASSIVO	2016	2015	2014
Passivo Circulante Financeiro	-	6.350,00	11.350,23
Empréstimos e Financiamentos	-	6.350,00	11.350,23
Passivo Circulante Operacional	175.808,04	175.117,71	180.341,63
Fornecedores	121.299,58	123.725,57	131.149,11
Obrigações Trabalhistas	39.090,44	36.745,01	36.010,11
Obrigações Tributárias	15.418,02	14.647,12	13.182,41
Passivo Não Circulante	-	-	-
Patrimônio Líquido	63.499,47	63.667,51	71.810,69
TOTAL DO PASSIVO	239.307,51	245.135,22	263.502,55

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a reclassificação do BP realizou-se os cálculos dos indicadores de análise dinâmica de balanços propostos por Fleuriel.

4.3.1 Capital Circulante Líquido

O capital circulante líquido representa a folga financeira que a empresa dispõe após liquidar seus compromissos a curto prazo. O quadro 25 demonstra o valor do capital circulante líquido da empresa em estudo.

Quadro 25 - Capital Circulante Líquido

CAPITAL CIRCULANTE LÍQUIDO	2016	2015	2014
ATIVO CIRCULANTE (a)	229.324,11	234.197,89	251.104,25
PASSIVO CIRCULANTE (b)	175.808,04	181.467,70	191.691,86
CAPITAL CIRCULANTE LÍQUIDO (a-b)	53.516,07	52.730,19	59.412,40

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme os dados apresentados acima, a empresa JBC Confecções possui um capital circulante líquido positivo nos três períodos. Significa que o ativo circulante é superior ao passivo circulante, ou seja, a empresa apresenta uma folga financeira caracterizada pela sobra de recursos financeiros de longo prazo que se encontram investidos no ativo circulante financiando o giro dos negócios.

4.3.2 Necessidade de Capital de Giro

A necessidade de capital de giro determina o valor de recursos necessários para a manutenção do giro dos negócios. A seguir, será apresentado os valores da NCG da empresa.

Quadro 26 - Necessidade de Capital de Giro

NECESSIDADE DE CAPITAL DE GIRO	2016	2015	2014
ATIVO CIRCULANTE OPERACIONAL (c)	214.919,64	220.328,65	236.938,28
PASSIVO CIRCULANTE OPERACIONAL (d)	175.808,04	175.117,71	180.341,63
NECESSIDADE DE CAPITAL DE GIRO (c-d)	39.111,60	45.210,95	56.596,65

Fonte: Elaborado pela autora.

A necessidade de capital de giro manteve-se positiva nos últimos três anos. Isto significa que o ciclo operacional não gerou recursos em montante ou prazo suficiente para sustentar a operação da empresa, o que acarretou a NCG.

Deste modo, a JBC Confecções deverá buscar fontes de financiamentos para a sua atividade operacional.

4.3.3 Saldo de Tesouraria

O cálculo do saldo de tesouraria demonstra se a empresa possui recursos suficientes para honrar suas dívidas no curto prazo. O quadro 27 abaixo mostra o ST da JBC Confecções.

Quadro 27 - Saldo de Tesouraria

SALDO DE TESOURARIA	2016	2015	2014
ATIVO CIRCULANTE FINANCEIRO (e)	14.404,47	13.869,24	14.165,97
PASSIVO CIRCULANTE FINANCEIRO (f)	-	6.350,00	11.350,23
SALDO DE TESOURARIA (e-f)	14.404,47	7.519,24	2.815,74

Fonte: Elaborado pela autora.

O saldo de tesouraria é positivo em todos os períodos. Seu valor passou de R\$ 2.815,74 em 2014 para R\$ 14.404,47 em 2016, resultando em um crescimento de 512% do ano de 2014 para 2016. Isso mostra que o ativo financeiro da empresa é superior ao passivo financeiro. Assim, esse resultado indica que a JBC Confecções detém disponibilidades (caixa e equivalentes de caixa) que garantem o pagamento das obrigações (empréstimos e financiamentos) no curto prazo.

4.4 PRAZOS

Os prazos médios relatam o desempenho operacional da empresa e suas necessidades de investimento em giro. Conforme análise dos últimos três anos, o quadro 28 apresenta os prazos médios da empresa.

Quadro 28 - Prazos Médios da Atividade

PRAZOS MÉDIOS DA ATIVIDADE	2016	2015	2014
Prazo Médio de Renovação dos Estoques	25	25	33
Prazo Médio de Recebimento das Vendas	95	103	123
Prazo Médio de Pagamento dos Fornecedores	84	89	113

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme os dados apresentados acima, o prazo médio de renovação dos estoques passou de 33 dias em 2014 para 25 dias em 2016, isto demonstra que o estoque da empresa está tendo uma maior rotação, indicando a possibilidade de maiores entradas de caixa e diminuindo assim a necessidade de capital de giro.

Em relação ao prazo médio de recebimento das vendas, nota-se que a empresa financiou seus clientes, em média, por 95 dias no ano de 2016. Percebe-se também que esse índice sofreu um decréscimo do ano de 2014 para 2016, isso se torna positivo para empresa, pois quanto menor esse indicador melhor, pois ela levará menos tempo para receber de seus clientes.

Quanto ao prazo médio de pagamento dos fornecedores, este indicador demonstrou que os fornecedores financiaram a empresa, em média por 84 dias em 2016 e em 2014 este índice era de 113 dias, isso se torna negativo para empresa, visto que quanto maior este índice melhor, pois a mesma terá mais tempo para liquidar suas obrigações. Comparando os resultados do prazo médio de recebimento das vendas e do prazo médio de pagamento dos fornecedores, observa-se que a JBC Confecções possui uma posição desfavorável, ou seja, ela está pagando seus fornecedores antes de receber de seus clientes.

4.5 CICLOS

Para análise do ciclo econômico, operacional e financeiro, realizou-se os cálculos dos prazos médios das operações da empresa, conforme apresentado no quadro 28.

O quadro 29 abaixo mostra os resultados dos ciclos da atividade.

Quadro 29 - Ciclos da Atividade

CICLOS DA ATIVIDADE	2016	2015	2014
Ciclo Econômico (PMRE)	25	25	33
Ciclo Operacional (PMRE+PMRV)	120	128	156
Ciclo Financeiro (PMRE+PMRV-PMPF)	36	39	43

Fonte: Elaborado pela autora.

O ciclo operacional e financeiro demonstra todo processo operacional e financeiro da empresa, onde o ciclo operacional compreende o intervalo de tempo gasto pela empresa em cada fase do processo produtivo (compra da matéria-prima,

produção, venda e o recebimento) e o ciclo financeiro relata o período das saídas e entradas de caixa na empresa.

Assim, conforme os dados apresentados acima, nota-se que a JBC Confecções possui um ciclo operacional de 120 dias e em 2014 esse ciclo era de 156 dias, isto indica que o estoque está se renovando mais rapidamente e a venda está levando menos tempo para ser recebida.

Em relação ao ciclo financeiro a JBC Confecções em 2014 possuía um ciclo financeiro de 43 dias, já em 2016 apresentou um ciclo financeiro de 36 dias, este resultado é positivo para empresa, pois quanto menor o ciclo financeiro, menor será a necessidade de capital de giro, visto que este ciclo retrata o tempo que a empresa tem para captar recursos a fim de financiar as suas atividades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a relevância da administração dos ativos e passivos circulantes de uma empresa, o estudo teve como objetivo verificar a real situação do capital de giro da empresa JBC Confeccões. Foi possível compreender que administrar o capital de giro é sinônimo de administrar o coração da empresa, visto que o objetivo principal desta gestão é manter o equilíbrio financeiro, garantindo assim a continuidade das atividades. Logo, é importante que os gestores tenham o domínio de ferramentas que sejam capazes de contribuir e auxiliar na administração do capital de giro.

No objetivo geral desse estudo almejou-se demonstrar a situação do capital de giro da empresa JBC Confeccões com base no modelo de análise proposto pelo professor Francês Michel Fleuriet. Este objetivo foi alcançado na realização do estudo de caso.

Com relação ao primeiro objetivo específico buscou-se pesquisar em literaturas aspectos relevantes para pesquisa relacionados ao tema proposto, este foi atingido com a realização da pesquisa em literaturas sobre a administração do capital de giro.

Quanto ao segundo objetivo específico pretendeu-se compreender a gestão do capital de giro, o mesmo foi alcançado no decorrer da fundamentação teórica, no qual, foi possível compreender que a gestão do capital de giro está diretamente relacionada a gestão dos itens circulantes do balanço patrimonial.

Em relação ao terceiro objetivo específico de calcular os indicadores do modelo dinâmico apontados por Fleuriet, este foi atingido por meio das informações obtidas nos balanços patrimoniais dos anos de 2014, 2015 e 2016 da empresa em estudo, onde foi possível realizar os cálculos dos indicadores.

Após análise dos indicadores, verificou-se que a JBC Confeccões possui recursos suficientes para honrar seus compromissos no curto prazo, visto que a empresa apresentou capital circulante líquido positivo nos três períodos.

Ao analisar os ativos e passivos operacionais verificou-se que a necessidade de capital de giro foi positiva nos três anos referentes a pesquisa, isto é, as atividades operacionais não geraram recursos em montante ou prazos suficientes para sustentar a operação da empresa. Portanto, a empresa deverá buscar fontes de financiamentos para a sua atividade operacional.

A JBC Confecções apresentou saldo de tesouraria positivo em todos os períodos, ou seja, a empresa possui ativos financeiros (caixa e equivalentes de caixa) suficientes que garantem o pagamento dos passivos financeiros (empréstimos e financiamentos) no curto prazo. Verificou-se que o saldo de tesouraria teve um aumento significativo do ano de 2014 para 2016.

Após analisar os três indicadores propostos por Fleuriet de forma conjunta, pode-se concluir que a empresa dispõe de uma situação financeira sólida, ou seja, possui uma saúde financeira satisfatória.

Diante do estudo, sugere-se maior incentivo para novas pesquisas em relação a administração do capital de giro, de forma a gerar informações precisas para melhor gerenciar os ciclos da atividade da empresa, visto que estes influenciam diretamente na necessidade de capital de giro.

Recomenda-se para a empresa em estudo que a mesma continue com a análise dos indicadores propostos na pesquisa, visto que estes relatam o desempenho das atividades operacionais e demonstram como está a situação financeira da empresa, afim de auxiliá-la em um melhor gerenciamento de seu capital de giro.

REFERÊNCIAS

ABREU FILHO, José Carlos Franco de (Et al). **Finanças corporativas**. 10. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ARAÚJO, Adriana Maria Procópio de; ASSAF NETO, Alexandre. **Introdução à contabilidade**. SÃO PAULO: ATLAS, 2004.

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro: comércio e serviços, indústrias, bancos comerciais e múltiplos**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. Alexandre. **Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

_____. Alexandre. **Finanças corporativas e valor**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ASSAF NETO, Alexandre. SILVA, César Augusto Tibúrcio . **Administração do capital de giro**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

BRAGA, Hugo Rocha. **Demonstrações contábeis: estrutura, análise e interpretação**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

CAMLOFFSKI, Rodrigo. **Análise de investimentos e viabilidade financeira das empresas**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira**. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

GUERRA, Luciano. **A nova contabilidade: convergência ao padrão internacional**. São Paulo: Atlas, 2013.

HOJI, Masakazu. **Administração financeira e orçamentária: matemática financeira aplicada, estratégias financeira, orçamento empresarial**. 11.ed. São Paulo: Atlas, 2014.

IUDICIBUS, Sérgio de. Et al . **Manual de contabilidade societária: aplicável a todas as sociedades de acordo com as normas internacionais e do CPC**. São Paulo: Atlas, 2010.

LEMES JÚNIOR, Antônio Barbosa; RIGO, Cláudio Miessa; CHEROBIM, Ana Paula Mussi Szabo. **Administração financeira: princípios, fundamentos e práticas brasileiras: aplicações e casos nacionais**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Campus, 2010.

MARION, José Carlos. **Análise das demonstrações contábeis: contabilidade empresarial**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

_____. José Carlos. **Contabilidade Básica**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MARTINS, Eliseu.; MIRANDA, Gilberto José.; DINIZ, Josedilton Alves. **Análise didática das demonstrações contábeis**. São Paulo: Atlas, 2014.

MARTINS, Gilberto Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise financeira de balanços: abordagem gerencial**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATIAS, Alberto Borges (Coord). **Finanças corporativas de curto prazo: volume 1: a gestão do valor do capital de giro**: São Paulo: Atlas, 2007.

MORANTE, Antonio Salvador. **Análise das demonstrações financeiras: aspectos contábeis da demonstração de resultado e do balanço patrimonial**. São Paulo: Atlas, 2007.

MORANTE, Antonio Salvador.; JORGE, Fauzi Timaco. **Administração financeira: decisões de curto prazo, decisões de longo prazo, indicadores de desempenho**. São Paulo: Atlas, 2007.

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Contabilidade gerencial: um enfoque em sistema de informação contábil**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

_____. Clóvis Luís. **Controladoria estratégica e operacional: conceitos, estrutura, aplicação**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

_____. Clóvis Luís. **Introdução à administração financeira: textos e exercícios**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

PADOVEZE, Clóvis Luís.; BENEDICTO, Gideon Carvalho de. **Análise das demonstrações financeiras**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

PINHEIRO, José Maurício dos Santos. **Da iniciação científica ao TCC: uma abordagem para os cursos de tecnologia**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2010.

RIBEIRO, Osni Moura. **Contabilidade: básica fácil**. 27. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

SILVA, José Pereira. **Análise financeira das empresas**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SOUZA, Milanez Silva. **Gestão da tesouraria das empresas**. Cont. Vista & Ver. Belo Horizonte, 2003.

SOUZA, Acilon Batista de. **Curso de administração financeira e orçamento: princípios e aplicações**. São Paulo: Atlas, 2014.

VIANNA, Ilca de Oliveira de Almeida. **Metodologia do trabalho científico**: um enfoque didático da produção científica. São Paulo. EPU, 2001.

VIEIRA, Marcos Villela. **Administração estratégica do capital de giro**. São Paulo: Atlas, 2005.

WEGNER, Douglas; CERENTINI, Adriano. Gestão do capital de giro na pequena empresa: um estudo de caso. **RACI: Revista de Administração e Ciências Contábeis do Ideau**. Getúlio Vargas, RS, v.2, n.5, p.73-87, jul. 2007.